



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO

# ANÁLISE CLÍNICA, RADIOGRÁFICA E TRATAMENTO DE CISTO DENTÍGERO ASSOCIADO A MOLARES INCLUSOS: RELATO DE CASO



Rubens Ferreira Sales Filho<sup>1</sup>; Danilo Monteiro Falcão<sup>1</sup>; Lohana Maylane Aquino Correia de Lima<sup>1</sup>; Milena Mello Varela Ayres de Melo<sup>2</sup>; Victor Leonardo Mello Varela Ayres de Melo<sup>3</sup>; Ricardo Eugenio Varela Ayres de Melo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE.

<sup>2</sup> Faculdade de Medicina de Olinda, Olinda - PE.

<sup>3</sup> Universidade Maurício de Nassau, Recife - PE.

[rubens.filho@ufpe.br](mailto:rubens.filho@ufpe.br)

[\(81\) 99651-3500](tel:(81)99651-3500)

## INTRODUÇÃO:

O cisto dentígero, considerado como o cisto odontogênico de desenvolvimento mais comum, caracteriza-se por envolver a coroa do dente incluso. Apresenta certa predileção pelo gênero masculino, leucoderma, sendo mais frequente entre a segunda e terceira década de vida.

## OBJETIVO:

Discutir sobre as características clínicas, radiográficas e terapêuticas de um relato de caso sobre a associação de cisto dentígero a molares inclusos.

## DESCRÍÇÃO DO CASO:

Paciente S.O.C., 20 anos de idade, gênero feminino, leucoderma, foi encaminhada ao Ambulatório de Cirurgia e Traumatologia Buco Maxilo Facial da Universidade Federal de Pernambuco, Recife – Pernambuco, Brasil, após realização de exame imaginológico para fins de tratamento ortodôntico. Ao avaliar a radiografia panorâmica (Figura 01), observou-se a presença de imagens radiolúcidas, delimitadas e uniloculares, sugestivas de cisto, a qual envolvia o segundo molar superior esquerdo, bem como os terceiros molares superiores e inferiores, todos inclusos. Solicitou-se à paciente o exame de Tomografia Volumétrica de Feixes Cônicos, observando áreas osteolíticas nas referidas regiões (Figura 02 e 03), que após biópsia incisional confirmou o diagnóstico de cisto dentígero. O tratamento cirúrgico realizado foi a enucleação cística e exodontias dos dentes acometidos (Figura 04). A peça patológica foi encaminhada ao Departamento de Histopatologia Oral da Universidade Federal de Pernambuco que confirmou mais uma vez o diagnóstico inicial (Figura 05). A paciente está em acompanhamento ao qual após um ano, não apresentou recidiva das lesões (Figura 06).

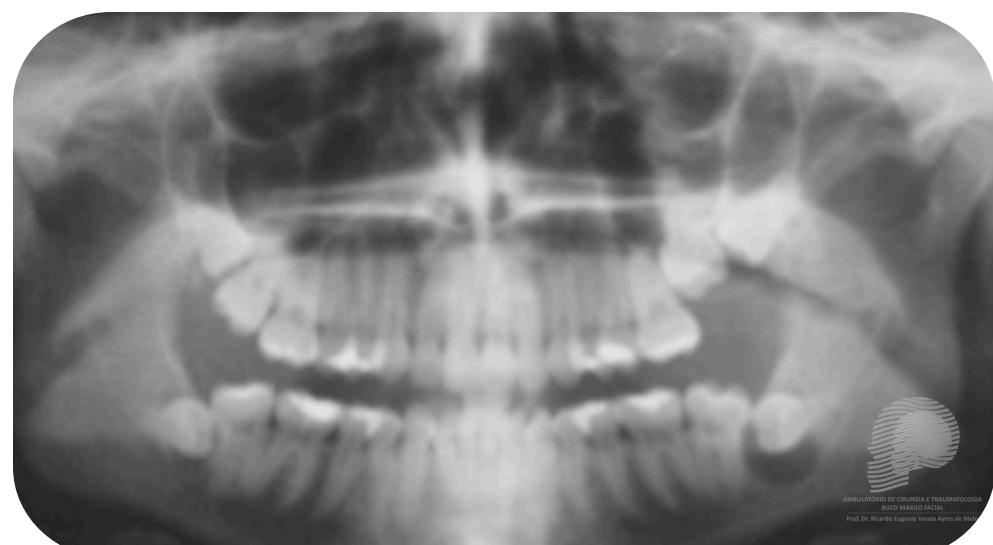


Figura 1. Radiografia panorâmica. Presença de imagens radiolúcidas, uniloculares e bem delimitadas associada aos molares superiores e inferiores inclusos.



Figura 2 e 3. Tomografia volumétrica de feixes cônicos para regiões de tuberosidades maxilares e retromolares esquerda e direita, demonstrando áreas osteolíticas.

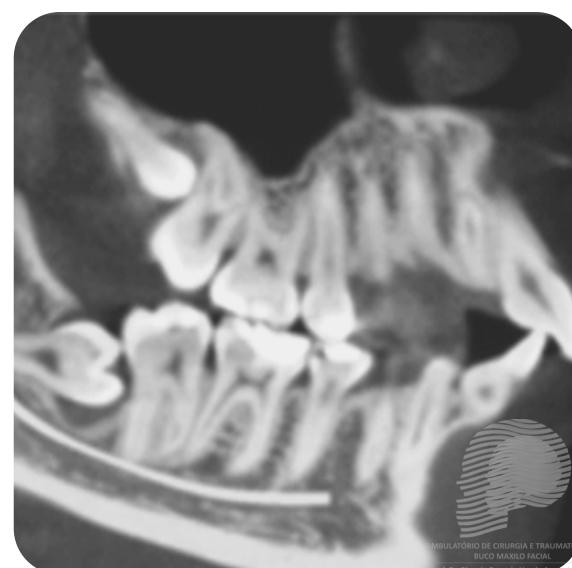


Figura 4. Janela cirúrgica após osteotomias e osteectomias.

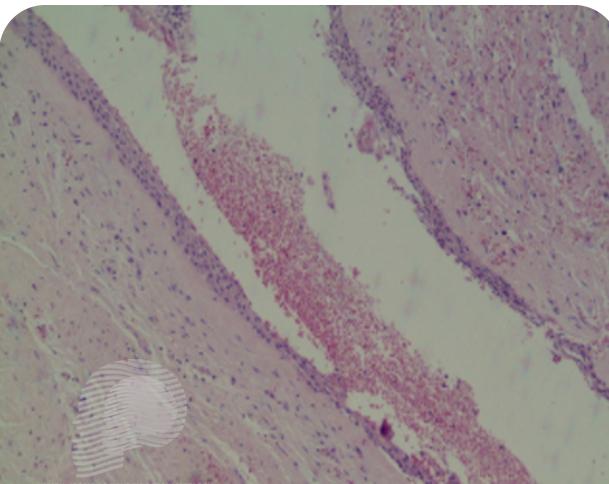


Figura 5. Corte histológico de cistodentígero (HE X10)

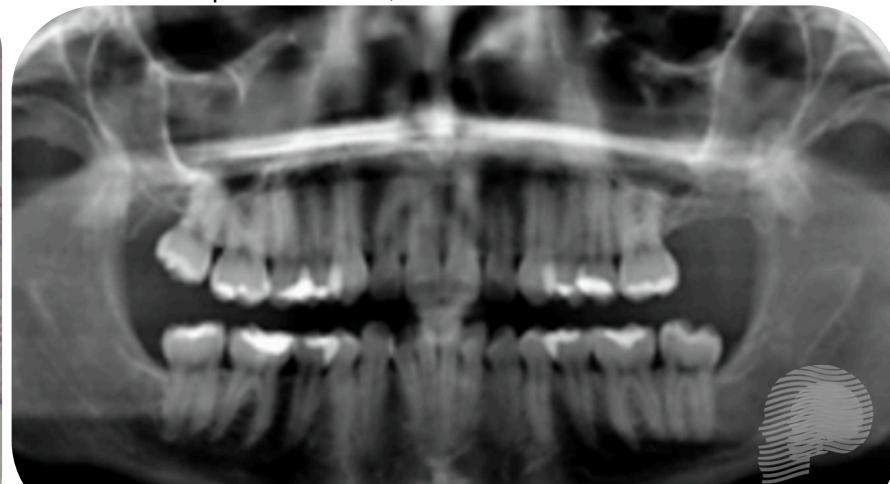


Figura 6. Radiografia panorâmica pós-operatória (01 ano de controle).

## CONCLUSÃO

Para um correto diagnóstico de cisto dentígero, os exames clínicos e radiográficos devem estar associados ao exame histopatológico. Sendo assim, o conhecimento no que diz respeito às suas características é fundamental para que o Cirurgião e Traumatologista Buco Maxilo Facial possa diferenciar de outros possíveis diagnósticos e síndromes.

## REFERÊNCIAS:



6º Sulbrabuco  
Congresso Sul-Brasileiro de Cirurgia  
e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial

13 a 15 | NOVEMBRO | 2025  
Balneário Camboriú - SC

